



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7141 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

EXISTÊNCIAS E TEMPO DE PESQUISA: REFLEXÕES ÉTICAS E POLÍTICAS DURANTE A PANDEMIA

Cintia Larangeira Silva - UERJ/FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Heloisa Josiele Santos Carreiro - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

EXISTÊNCIAS E TEMPO DE PESQUISA: REFLEXÕES ÉTICAS E POLÍTICAS DURANTE A PANDEMIA

Na contemporaneidade, viver nas cidades vem se tornando cada vez mais um desafio, chegando a níveis de insuportabilidade. Especialmente, quando falamos das grandes metrópoles brasileiras e suas grandes concentrações populacionais. Tomamos como contexto de pesquisa uma cidade periférica da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com um contingente populacional de mais de um milhão de habitantes, grande índice de analfabetismo e marcada fortemente pela violência. Cidade com a qual convivemos desde a pequena infância e experienciamos com as classes populares os seus modos de (re)existências e ressignificação de suas relações com o território.

Diante desse contexto, vimos pensando pesquisas, enquanto trabalho intencional e sistemático, em que se tecem as relações de cidadãos/ãos com o urbano e adensando alguns conceitos que vêm se mostrando essenciais em nossas reflexões sobre relações entre infâncias e cidade. Em diálogo com Arendt (1997), Benjamin (1987) e Freire (1996) vimos compreendendo a criança como “recém-chegada” (ARENDDT, 1997), aquela que é vista como imigrante, estrangeira, que chega a um mundo que a precede, podendo agir nele; pensando, inclusive, a responsabilidade de adultos/os sobre suas “experiências” (BENJAMIN, 1987) de acolhimento no território citadino, compreendendo também os papéis das instituições e políticas públicas, que pensem o bem estar das infâncias considerando e respeitando as diferentes formas de ser e estar no mundo das crianças. Dessa maneira, o conceito de “educabilidade” (FREIRE, 1996) vem nos auxiliando pensar a cidade como um (con)texto de investigação e possibilidades de construção de conhecimentos coletiva e polifônica que pode desvelar, entre outras coisas, questões que circunscrevem a cidade como relacional, palco de territorialidades, desigualdades sociais, espacialidades, políticas e de processos formativos, ressignificados na aproximação epistêmica com o território citadino.

A pesquisa, ainda em desenvolvimento, busca investigar a relação de infâncias na/com a cidade, trazendo como delimitação o processo de construção de identidades e pertencimentos de crianças residentes em periferias urbanas, que recentemente vivenciaram o que vimos entendendo por migração forçada (SANTOS, 2014), a partir de políticas públicas

de reassentamento, o que nos trouxe algumas questões: como construir/preservar as relações identitárias com o território, quando a/o cidadã/ão das classes populares são expostas/os sistematicamente à suscetibilidade de perder seus vínculos fundamentais de sobrevivência, tais como casas, memórias construídas, relacionamentos estabelecidos? Como podemos desenvolver o sentimento de pertença com os recém-chegados no (con)texto citadino, de maneira que este possa se tornar um contexto formador na construção das subjetividades das crianças? Buscando compreender tais questões, optamos por uma investigação cúmplice de abordagem qualitativa, etnográfica, com o aporte principalmente da Sociologia da Infância (FARIA e FINCO, 2011), na qual as crianças - compreendidas como sujeitos de direitos, constituídas histórica, social e culturalmente - participam em nossos encontros semanais, refletindo sobre nossas experiências políticas, espaciais, bem como seus contextos de ação na/com a cidade.

Experienciar com crianças moradoras de um condomínio popular, as maneiras pelas quais elas se percebem sujeitos nesse território, então, vem sendo caminho de pesquisa no qual a construção teórica e metodológica caminha conjuntamente com a produção de dados. Ainda que se compreenda que ao pesquisar *com* crianças (GRAUE e WALSH, 2003) nada está *dado*, mas produz-se no cotidiano insidioso sob a égide da estrangeiridade, uma pesquisa feita *com a outra* (ANDRADE, 2020), a criança. A mudança para esse território, convivendo com a particularidade de ter a presença de algumas instituições municipais (CRAS, escolas, sede da Guarda Municipal etc.), após sofrerem perdas irreparáveis de suas casas e seus bens, afastando-as de suas ruas, bairros e redes de solidariedade, evocam de suas múltiplas experiências outras possibilidades, que não se conformam às vontades das/os adultas/os, formas de ser criança. Assim, a relação entre pesquisadoras e infâncias pesquisadas busca caminhos na constante tensão em “que os outros me acham o outro, que em qualquer lugar, situação ou momento sou sempre o outro dos outros, e o serei sempre, inapelavelmente” (ANDRADE, 2020, p. 59).

Nesse sentido, nossos encontros se inspiram na alegoria benjaminiana do “trapeiro” (BENJAMIN, 1987), nos quais buscamos nos indícios, *nos trapos*, tecer diálogos e historicizar nossas experiências nos aproximando cada vez mais em torno do que nos é comum, a cidade.

Do ponto de vista metodológico, as múltiplas linguagens do universo infantil presentes em suas narrativas, vêm sendo dispositivos (AGAMBEN, 2009) de produção de pesquisa. Assim, a Literatura, as brincadeiras, os desenhos e os diálogos expressam as representações que as crianças criam sobre suas realidades.

Ainda que tenhamos a clareza sobre o direito de participação das crianças, continuamos tensionando em suas existências os (des)limites éticos e políticos impostos na relação de estrangeiridade que temos com elas. No evento da pandemia da Covid-19, nossos encontros foram suspensos e nossa pesquisa também. A imperiosa ação do tempo nos levou a buscar estratégias outras de continuidade do diálogo, contudo, a experiência das crianças é vivida no presente, mesmo que implícitos passado e futuros infinitos, enquanto as entendemos como sujeitos históricos de direitos, isso, ainda, não lhes garante agência na relação com adultas/os. As tentativas de encontros virtuais acharam seu ponto final nas impossibilidades técnicas, econômicas e com responsáveis. Desafios que vêm se impondo de maneira cruel e atravessando as experiências de pesquisa em suas dimensões éticas e políticas, pelas quais vimos no malsucedido exercício de inclusão mais um desdobramento que nossos tempos trazem: como pensar a relação com a cidade quando a própria circulação está em impedimento pela vida?

Nesses tempos sombrios em que o direito à vida é o enfrentamento da morte eminente,

precisamos pensar o direito à vida como sua própria produção. Encontrar e continuar encontrando as crianças do condomínio, vem, sim, sofrendo as *imperiosas ações do tempo nas relações*, na medida que reafirma-se o lugar das/os adultas/os junto a elas. Contudo, ainda precisamos enfrentar o tempo entre gerações, tempo da pesquisa e, agora, tempo de pandemia.

Palavras-chave: Infância e cidade; Pesquisa com infâncias; Direito à vida; Pandemia.

Referências

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009. Disponível em: <<https://epdf.pub/o-que-e-o-contemporaneo-e-outros-ensaios.html>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

ANDRADE, C. D. D. **De notícias e não notícias faz-se as crônicas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-de-noticias-e-nao-noticias-faz-se-a-cronica-carlos-drummond-de-andrade-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

ARENDT, H. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura** (Obras escolhidas v. I). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FARIA, A. L. G. D.; FINCO, D. (). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. [S.l.]: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <www.sabotagem.revolt.org>. Acesso em: 22 jun. 2017.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Caouste Gulbenkian, 2003.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.